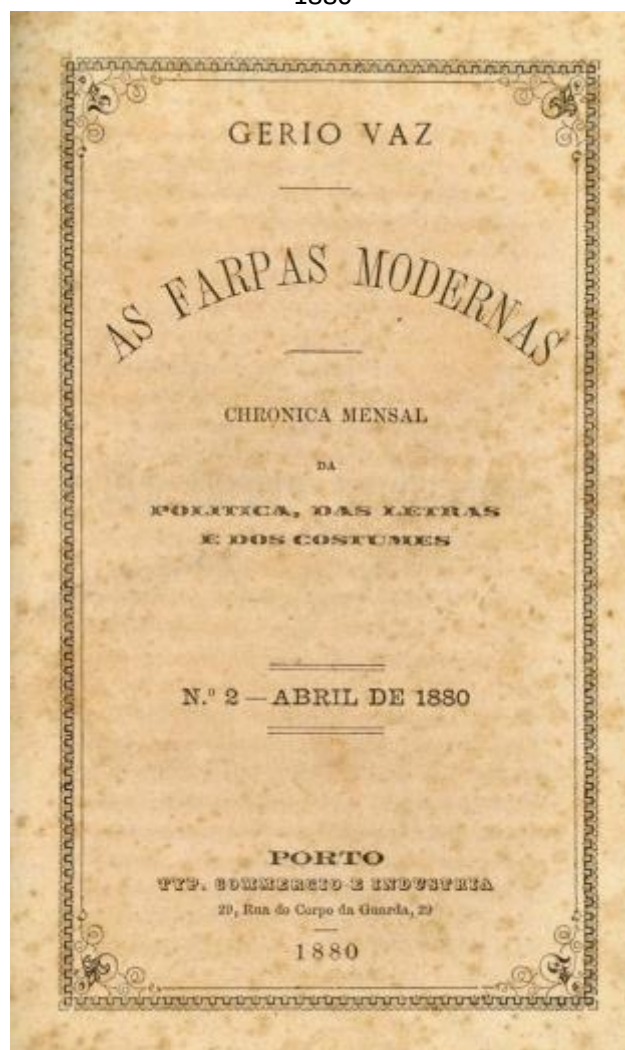
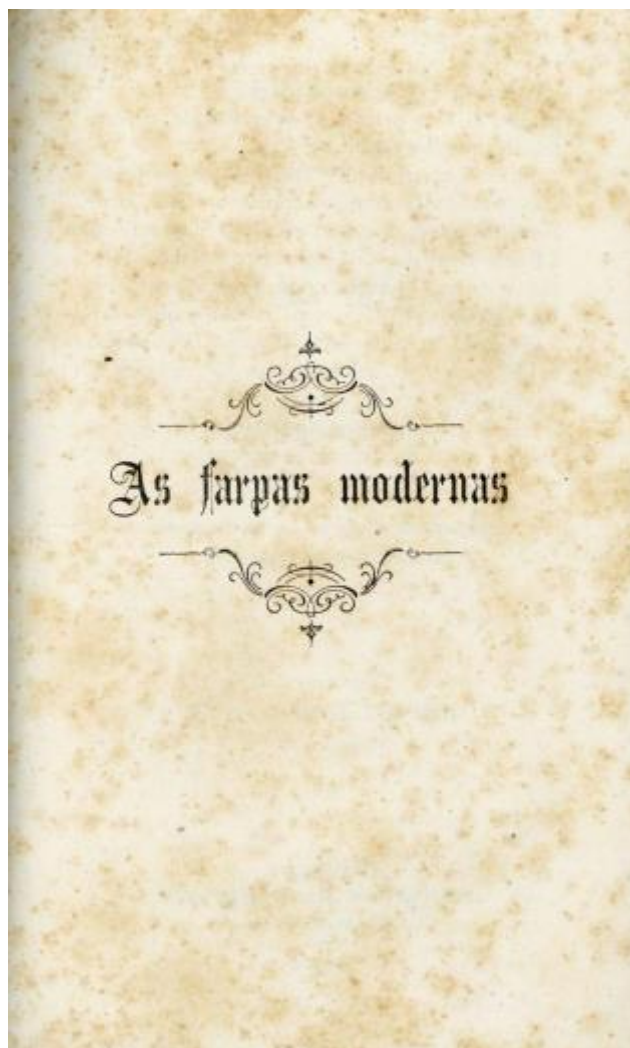


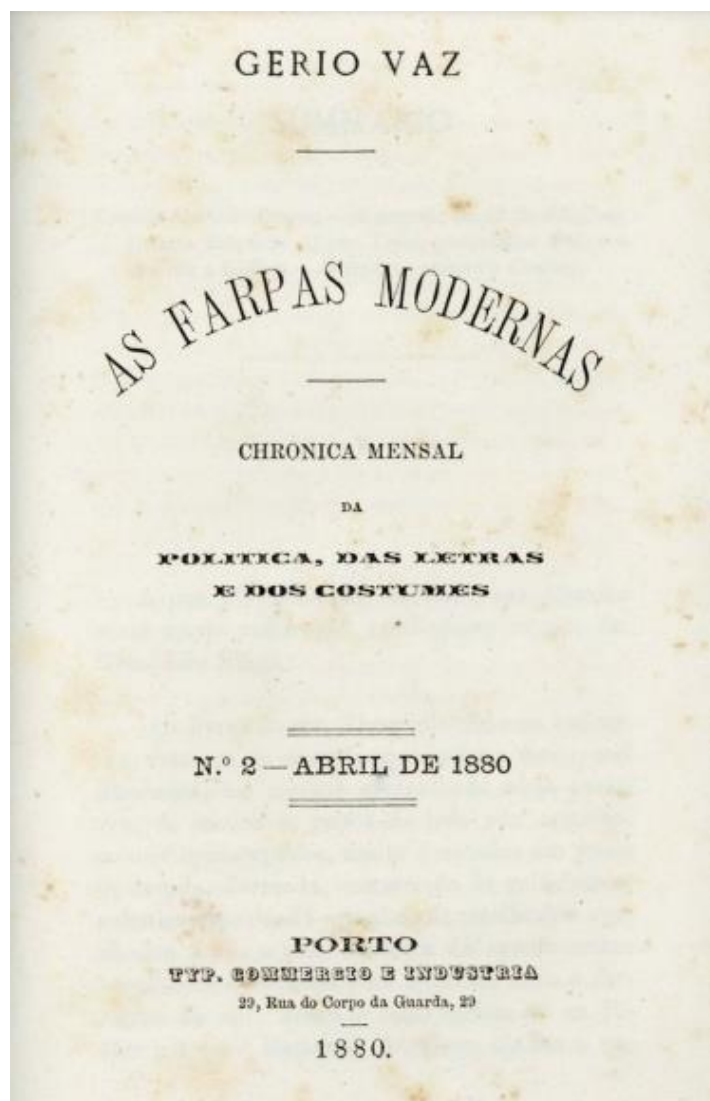
GERIO VAZ
AS FARPAS MODERNAS
CHRONICA MENSAL
DA
POLÍTICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES
N. 2
ABRIL DE 1880
PORTO
1880



As farpas modernas



GERIO VAZ
MODERNAS FARPAS AS
CHRONICA MENSAL
DA
XOLITICA, DAS LETRAS
X DOS COSTLES
N2
ABRIL DE 1880
PORTO



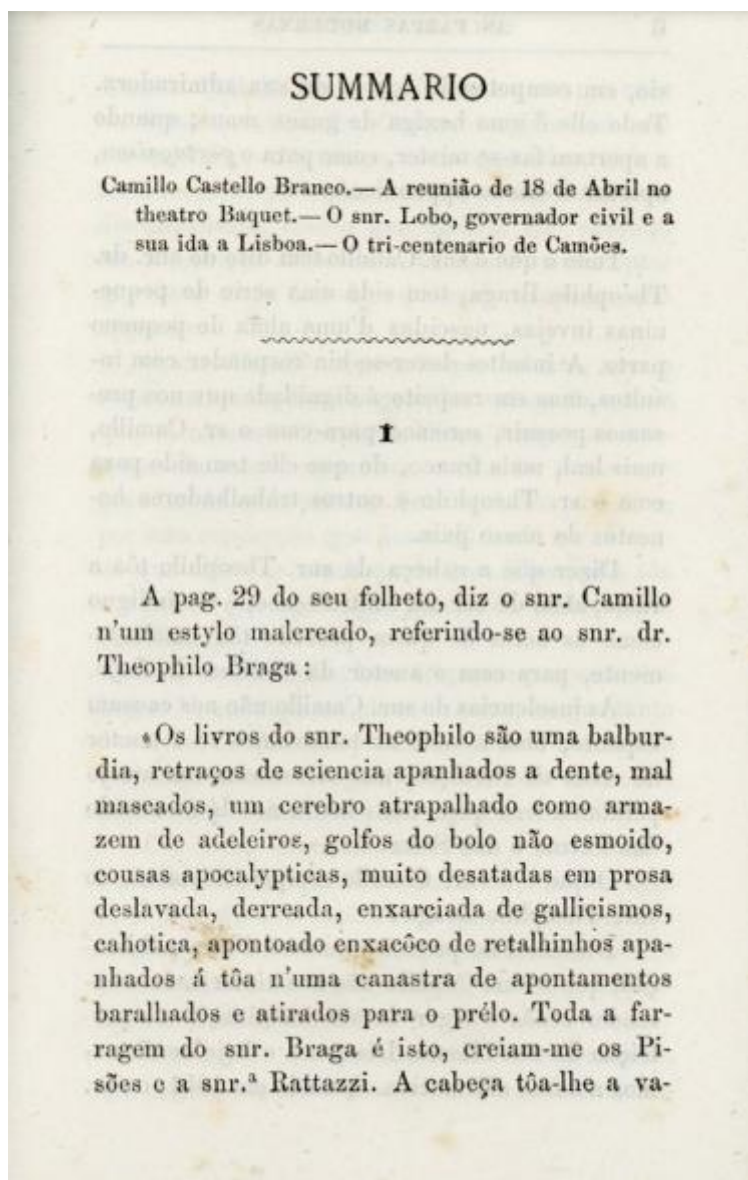
SUMMARIO

Camillo Castello Branco. A reunião de 18 de Abril no theatro Baquet.- O sur. Lobo, governador civil e a sua ida a Lisboa.- O tri-centenario de Camões.

1

A pag. 29 do seu folheto, diz o snr. **Camillo** n'um estylo malereado, referindo-se ao snr. dr. Theophilo Braga:

Os livros do sur. Theophilo são uma balbur dia, retraços de sciencia apanhados a dente, mal mascados, um cerebro atrapalhado como arma zem de adeleiros, golfos do bolo não esmoido, cousas apocalypticas, muito desatadas em prosa deslavada, derreada, enxarciada de gallicismos, cahotica, apontoado enxacôco de retalhinhos apa nhados à ton n'uma canastra de apontamentos baralhados e atirados para o prelo. Toda a far ragem do sr. Braga & isto, creiam-me os Pi ses ca sur. Rattazzi. A cabeça toa lhe a va



sio, em compoténdin copia da sua admiradora. Todo elle é uma boxiga de gazes maus; quando a apertam faz-so mister, como para o portugaison, apertar o citado appendice.

Tudo o que o snr. Camillo tem dito do snr. dr. Theophilo Braga, tem sido uma serie de pequeninas invejas, nascidas d'uma alma de pequeno parto. A insultos dever-se-hia responder com insultos, mas em respeito à dignidade que nos pre samos possuir, seremos para com o sr. Camillo, mais leal, mais franco, do que elle tem sido para com o sr. Theophilo e outros trabalhadores honestos do nosso paiz.

Dizer que a cabeça do snr. Theophilo tóa a vasio, além de ser um contra-senso, é tão indigno como os actos de quem procede tão insolente mente, para com o auctor da *Ondina do Lago*.

As insolencias do snr. Camillo não nos causam espanto, nem a serio as tomavamos se o auctor do *Amor de Perdição*, não viesse com um arrojo petulante ferir quem mais honra nos dá no mundo das lettras e das Sciencias.

que é o sur. Camillo comparativamente ao sur. Theophilo Braga?

Dissemos no primeiro numero d'esta publicação, que o snr. Camillo não nos tinha dado a entender senão o vigor da sua imaginação e a perfeição do seu idioma. Dissemos e hoje confirmamos a nossa affirmativa. Quando em 1851, o sur.

sio, em competencia com a da sua admiradora. Todo elle é uma bexiga de gazes maus; quando a apertam faz-se mister, como para o *portugaison*, apertar o citado appendice.»

Tudo o que o snr. Camillo tem dito do snr. dr. Theophilo Braga, tem sido uma serie de pequeninas invejas, nascidas d'uma alma de pequeno parto. A insultos dever-se-hia responder com insultos, mas em respeito á dignidade que nos prestamos possuir, seremos para com o sr. Camillo, mais leal, mais franco, do que elle tem sido para com o sr. Theophilo e outros trabalhadores honestos do nosso paiz.

Dizer que a cabeça do snr. Theophilo tóa a vasio, além de ser um contra-senso, é tão indigno como os actos de quem procede tão insolentemente, para com o auctor da *Ondina do Lago*.

As insolencias do snr. Camillo não nos causam espanto, nem a serio as tomavamos se o auctor do *Amor de Perdição*, não viesse com um arrojo petulante ferir quem mais honra nos dá no mundo das lettras e das Sciencias.

O que é o snr. Camillo comparativamente ao snr. Theophilo Braga?

Dissemos no primeiro numero d'esta publicação, que o snr. Camillo não nos tinha dado a entender senão o vigor da sua imaginação e a perfeição do seu idioma. Dissemos e hoje confirmamos a nossa affirmativa. Quando em 1851, o snr.

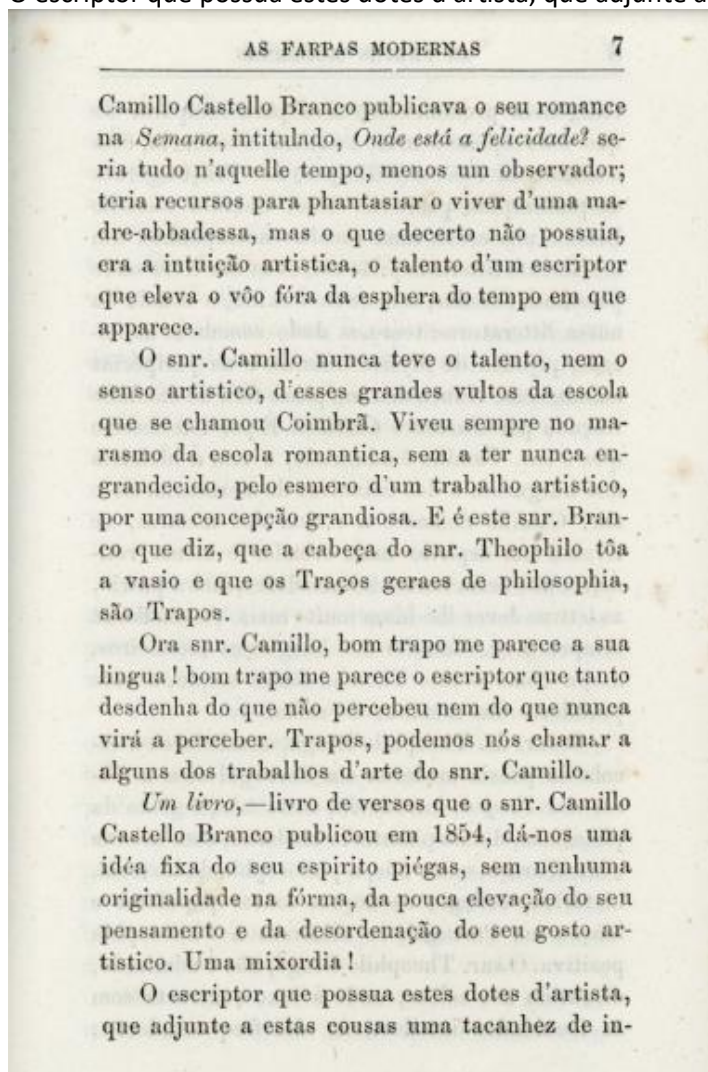
Camillo Castello Branco publicava o seu romance na *Semana*, intitulado, *Onde está a felicidade?* se ria tudo n'aquelle tempo, menos um observador; teria recursos para phantasiar o viver d'uma ma dre-abbadessa, mas o que decerto não possuia, era a intuição artistica, o talento d'um escriptor que eleva o vôo fóra da esphera do tempo em que apparece.

O snr. Camillo nunca teve o talento, nem o senso artistico, d'esses grandes vultos da escola que se chamou Coimbra. Viveu sempre no ma rismo da escola romantica, sem a ter nunca en grandecido, pelo esmero d'um trabalho artistico, por uma concepção grandiosa. E é este snr. Bran co que diz, que a cabeça do snr. Theophilo tóa a vasio e que os Traços geraes de philosophia, são Trapos.

Ora snr. Camillo, bom trapo me parece a sua lingua! bom trapo me parece o escriptor que tanto desdenha do que não percebe nem do que nunca virá a perceber. Trapos, podemos nós chamar a alguns dos trabalhos d'arte do snr. Camillo.

Um livro,-livro de versos que o sur. Camillo Castello Branco publicou em 1854, dá-nos uma idén fixa do seu espirito piegas, sem nenhuma originalidade na forma, da pouca elevação do sen pensamento e da desordenação de seu gosto ar tístico. Uma mixordia!

O escriptor que possua estes dotes d'artista, que adjunte a estas cousas una tacanhez de in



telligencia pronunciada, será para comparar no que diz respeito à arte, à critica, & sciencia, com o auctor da *Visão dos Tempos*, dos Traços geraes de philosophia positiva? Não. Camillo Castello Branco não creou uma escola: acompanhou um movimento litterario; não escreveu um livro onde possamos estudar, sem outro auxilio, o estado da nossa litteratura: tem-nos dado romances mona caes, peçados de idyllos infantis e de peripecias amantescas. Nunca deu um passo fóra do caminho traçado por Garrett e Castilho. É por isto mesmo que o snr. Camillo é admirado, e tem a idolatria dos burgueses e dos caixeiros de mercearia. Se o sur. Camillo deixasse a rotina dos mestres, se tivesse um espirito mais creador e menos roti neiro, não teria tantos admiradores, mas a patria, as lettras dever-lhe-hiam muito mais. Assim ficará sempre o sr. Camillo dos burgueses merceiros, assim como o thio Thomaz ficará sendo, o vate predilecto das meninas de salão.

O sur. dr. Theophilo Braga, estabeleceu a es cola da poesia moderna em Portugal com a l'i são dos Tempos, introduziu, entre nós, o gosto da phantasia, d'uma phantasia moderna, com os seus contos, creou, entre nós, a philosophia da historia, historiou, collegiu os nossos contos populares e lançou em Portugal, os alicerces à Philosophia positiva. Osnr. Theophilo Braga, não é admirado, discutido nos sales, onde o luxo contrasta com as faculdades intellectivas dos frequentadores;

telligencia pronunciada, será para comparar no que diz respeito á arte, á critica, á sciencia, com o auctor da *Visão dos Tempos*, dos Traços geraes de philosophia positiva? Não. Camillo Castello Branco não creou uma escola: acompanhou um movimento litterario; não escreveu um livro onde possamos estudar, sem outro auxilio, o estado da nossa litteratura: tem-nos dado romances monacaes, peçados de idyllos infantis e de peripecias amantescas. Nunca deu um passo fóra do caminho traçado por Garrett e Castilho. É por isto mesmo que o snr. Camillo é admirado, e tem á idolatria dos burgueses e dos caixeiros de mercearia. Se o snr. Camillo deixasse a rotina dos mestres, se tivesse um espirito mais creador e menos rotineiro, não teria tantos admiradores, mas a patria, as lettras dever-lhe-hiam muito mais. Assim ficará sempre o sr. Camillo dos burgueses merceiros, assim como o thio Thomaz ficará sendo, o vate predilecto das meninas de salão.

O snr. dr. Theophilo Braga, estabeleceu a escola da poesia moderna em Portugal com a *Visão dos Tempos*, introduziu, entre nós, o gosto da phantasia, d'uma phantasia moderna, com os seus contos, creou, entre nós, a philosophia da historia, historiou, collegiu os nossos contos populares e lançou em Portugal, os alicerces á Philosophia positiva. O snr. Theophilo Braga, não é admirado, discutido nos salões, onde o luxo contrasta com as faculdades intellectivas dos frequentadores;

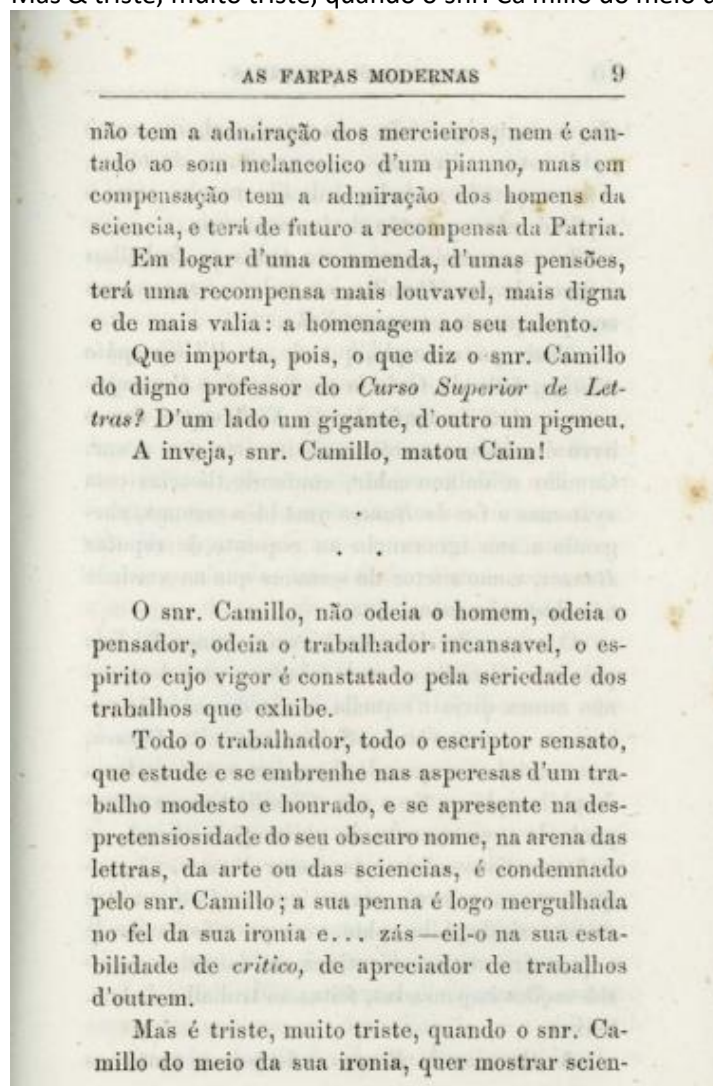
não tem a admiração dos mercieiros, nem é cantado ao som melancólico d'um piano, mas em compensação tem a admiração dos homens da sciencia, e terá de futuro a recompensa da Patria. Em logar d'uma commenda, d'umas pensões, terá uma recompensa mais louvavel, mais digna

e de mais valia: a homenagem ao seu talento. Que importa, pois, o que diz o snr. Camillo do digno professor do Curso Superior de Let tras? D'um lado um gigante, d'outro um pigmeu, A inveja, snr. Camillo, matou Caim!

O snr. Camillo, não odeia o homem, odeia o pensador, odeia o trabalhador incansavel, o espirito cujo vigor é constatado pela seriedade dos trabalhos que exhibe.

Todo o trabalhador, todo o escriptor sensato, que estude e se embrenhe nas asperesas d'um trabalho modesto e honrado, e se apresente na despretensiosidade do seu obscuro nome, na arena das letras, da arte ou das sciencias, é condemnado pelo snr. Camillo; a sua penna é logo mergulhada no fel da sua ironia e... zascil-o na sua estabilidade de critico, de apreciador de trabalhos d'outrem

Mas & triste, muito triste, quando o snr. Camillo do meio da sua ironia, quer mostrar scien



cia, e escorrega—não pela pereira abaixo como é de costume dizer-se—mas na rampa da tolice, e fica espetado no lodaçal da ignorancia, como o sendeiro n'um montão de lama viscosa.

Isto patenteia-se-nos em todos os trabalhos criticos do snr. Camillo, em todas as suas obras em que quer mostrar erudição.

Assim por exemplo, quando, na *Bibliographia Critica*, falla da *Galeria de Sciencias Contemporaneas*, além de confundir *Os Niebelungen*, com o livro dos heroes, erro cracissimo em que o snr. Camillo se deixou cahir, confunde theorias com systemas e faz de Bunsen uma idéa erronea, che gando a sua ignorancia ao requinte de reputar Bunsen, como auctor de systemas que na verdade nós desconhecemos.

O auctor do *Deus na historia*, nunca foi lido pelo sur. Camillo ou se o foi não o percebeu, se não nunca diria n'aquella ironia de sabicho pa lerna: 40 sur. Cunha Seixas não cita Bunsen, mas advinhou-o quando formulou o sen systema de philosophia. Se o snr. Camillo tivesse neom panhado o movimento da philosophia allema, se ao menos tivesse lido o professor Bunsen, não po ria tanto em relevo a crassa ignorancia que autre

cia, e escorrega—não pela pereira abaixo como é de costume dizer-se—mas na rampa da tolice, e fica espetado no lodaçal da ignorancia, como o sendeiro n'um montão de lama viscosa.

Isto patenteia-se-nos em todos os trabalhos criticos do snr. Camillo, em todas as suas obras em que quer mostrar erudição.

Assim por exemplo, quando, na *Bibliographia Critica*, falla da *Galeria de Sciencias Contemporaneas*, além de confundir *Os Niebelungen*, com o livro dos heroes, erro cracissimo em que o snr. Camillo se deixou cahir, confunde theorias com systemas e faz de Bunsen uma idéa erronea, chegando a sua ignorancia ao requinte de reputar Bunsen, como auctor de systemas que na verdade nós desconhecemos.

O auctor do *Deus na historia*, nunca foi lido pelo snr. Camillo ou se o foi não o percebeu, se não nunca diria n'aquella ironia de sabichão palerna: «o snr. Cunha Seixas não cita Bunsen, mas advinhou-o quando formulou o seu systema de philosophia.» Se o snr. Camillo tivesse acompanhado o movimento da philosophia allema, se ao menos tivesse lido o professor Bunsen, não poria tanto em relevo a crassa ignorancia que nutre em materia de philosophia, e em que refocila, desde a primeira critica scientifica até ás ultimas considerações impensadas, feitas ao trabalho do snr. Seixas.

As theorias de Bunsen reflectem-se tanto nas

do snr. Seixas, como as condições topographicas do Aterro da Boavista se reflectem em Heidelberg. A idéa é justa. Bunsen nunca escreveu um sys tema de philosophia, e, quando mesmo o escrevesse, não poderia n'elle inspirar-se o snr. Seixas, porque Bunsen foi um theologo pur sang, e entre as doutrinas theologicas e as que advoga o sur. Seixas, ha uma differença tão considera vel, como a distancia que medeia entre os plane tas de primeira e segunda ordem. Bunsen, além de ser um philosopho muito secundario, soffreu até 1838, a influencia de todos aquelles que pro cederam á sua educação, e que conviveram com elle. Foi a principio um espirito timido, indeciso, sem os predicados do iniciador d'uma escola, sem a coragem do pensador consciente, espirito pouco syntetico e menos observador. Soffreu por muito tempo a influencia de Heeren, de Heyne, de Lich, Lachmann, Niebuhr, isto até 1816, época em que se entregou ao estudo da philologia.

Foi n'esta epoca que Sylvestre de Lacy, exer ceu uma grande influencia no espirito de Bunsen. Até 1838, Bunsen não passou d'um rotineiro sem ideas fixas, sem se filiar em nenhuma escola conhecida. Seguiu o impulso dos que o cercavam E estas palavras escriptas a um amigo em 1849, dão-nos uma idea do que deixamos exposto: Desde 1836, escrevia elle, emancipei-me, as vendas enhiran me dos olhos. Quando, depois da guerra da Crime, foi fi

do snr. Seixas, como as condições topographicas do Aterro da Boavista se reflectem em Heidelberg. A idéa é justa. Bunsen nunca escreveu um sys tema de philosophia, e, quando mesmo o escrevesse, não poderia n'elle inspirar-se o snr. Seixas, porque Bunsen foi um theologo pur sang, e entre as doutrinas theologicas e as que advoga o snr. Seixas, ha uma differença tão considera vel, como a distancia que medeia entre os plane tas de primeira e segunda ordem. Bunsen, além de ser um philosopho muito secundario, soffreu até 1838, a influencia de todos aquelles que pro cederam á sua educação, e que conviveram com elle. Foi a principio um espirito timido, indeciso, sem os predicados do iniciador d'uma escola, sem a coragem do pensador consciente, espirito pouco syntetico e menos observador. Soffreu por muito tempo a influencia de Heeren, de Heyne, de Lich, Lachmann, Niebuhr, isto até 1816, época em que se entregou ao estudo da philologia.

Foi n'esta epoca que Sylvestre de Lacy, exer ceu uma grande influencia no espirito de Bunsen.

Até 1838, Bunsen não passou d'um rotineiro sem idéas fixas, sem se filiar em nenhuma escola conhecida. Seguiu o impulso dos que o cercavam. E estas palavras escriptas a um amigo em 1849, dão-nos uma idéa do que deixamos exposto:—

...Desde 1836, escrevia elle, emancipei-me, as vendas cahiram-me dos olhos.

Quando, depois da guerra da Criméa, foi fi

xar a sua residencia em Heidelberg, alli entre gou-se no estudo da theologia, e foi então que escreveu o seu livro mais importante, *Gott in der geschicht* (Deus na historia). D'aqui se pode deduzir que Bunsen está muito longe de ser o que o snr. Camillo pensa.

Confundir um escriptor de philosophia da historia com um creador de systemas philosophicos, é andar muito desacertadamente, enr. Ca millo. O sur. Camillo não leu o *Gott in der geschicht*, porque se o lêsse encontraria logo no prefacio, materia sufficiente que o illucidasse, no caminho que devia seguir na apreciação que fez ao livro do snr. Seixas, e na idéa que devia fazer do professor Bunsen.

No prefacio, diz o auctor do *Gott in der geschicht*: Toda a philosophia da historia consiste em procurar a lei do progresso no movimento historico.

Este movimento, aos olhos do crente, tem lo gar unicamente para que o espirito humano revele o pensamento eterno da divindade e afim de que elle o realise a um tempo dado e d'uma maneira consciente, pela mesma rasão que a criação material o realisa no espaço e d'uma maneira inconsciente.

Ainda que o ponto de partida e o fim d'este movimento escapem ao homem, ha un sentimento vago da marcha que elle segue

xar a sua residencia em Heidelberg, alli entregou-se ao estudo da theologia, e foi então que escreveu o seu livro mais importante, *Gott in der geschicht* (Deus na historia). D'aqui se pode deduzir que Bunsen está muito longe de ser o que o snr. Camillo pensa.

Confundir um escriptor de philosophia da historia com um creador de systemas philosophicos, é andar muito desacertadamente, snr. Camillo. O snr. Camillo não leu o *Gott in der geschicht*, porque se o lêsse encontraria logo no prefacio, materia sufficiente que o illucidasse, no caminho que devia seguir na apreciação que fez ao livro do snr. Seixas, e na idéa que devia fazer do professor Bunsen.

No prefacio, diz o auctor do *Gott in der geschicht*:

Toda a philosophia da historia consiste em procurar a lei do progresso no movimento historico.

Este movimento, aos olhos do crente, tem lo gar unicamente para que o espirito humano revele o pensamento eterno da divindade e afim de que elle o realise a um tempo dado e d'uma maneira consciente, pela mesma rasão que a criação material o realisa no espaço e d'uma maneira inconsciente.

Ainda que o ponto de partida e o fim d'este movimento escapem ao homem, ha um sentimento vago da marcha que elle segue.

É este sentimento que é a consciencia da di-
vidade, pois que a lei do progresso suppõe ab-
solutamente esta divindade. Todas os povos his-
toricos têm esta crença na sua missão divina.

Como o systema planetario gira em volta do sol, assim o genero humano se move em volta do
sol da razão moral e do amor eterno, mas à dif-
ferença dos astros, a humanidade tem conscien-
cia do movimento que opera e do centro em volta do qual gravita. O homem sente em si mesmo a
existencia de Deus, sob a forma do bem: é isto o que se chama consciencia.

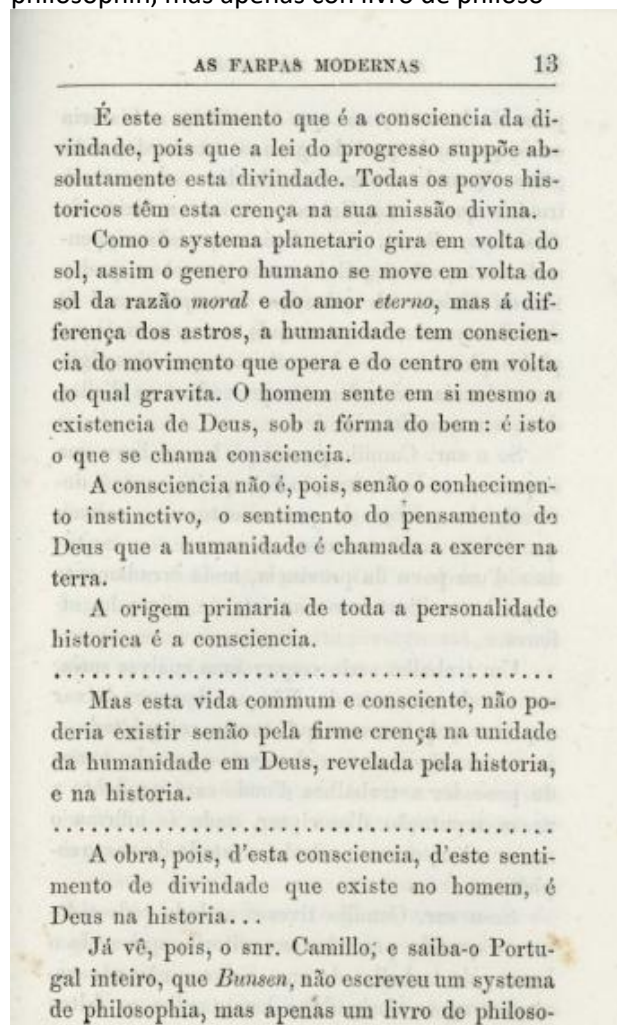
A consciencia não é, pois, senão o conhecimen-
to instinctivo, o sentimento do pensamento de
Deus que a humanidade é chamada a exercer na terra.

A origem primaria de toda a personalidade historica é a consciencia.

Mas esta vida commum e consciente, não po-
deria existir senão pela firme crença na unidade
da humanidade em Deus, revelada pela historia, e na historia.

A obra, pois, d'esta consciencia, d'este senti-
mento de divindade que existe no homem é Deus
na historia.

Já vê, pois, o mr. Camille, e saiba-o Portu-
gal inteiro, que Burn the exereveu um systema de
philosophin, mas apenas con livro de philoso-



phia da historia, em que considera a historia como ponto de partida para o estudo das reli gidos. Quando o snr. Camillo diz-sempre com ironia que o snr. Seixas entrára na fileira de Descartes, Bacon, Kant Spinosa, andou inpen sadamente, não aquilatou nem percebeu qual o fim da Galeria de sciencias contemporaneas! O snr. Seixas não diz ter crendo um systema, uma philosophia nova: o sur. Seixas syntetisa algu mas sciencias na ordem em que cada uma d'ellas deve ser considerada.

Se o snr. Camillo pensa que ler um livro que requer certa concentração de espirito, certo e de terminado esforço de pensamento, é o mesmo que idear um romance, descrever os costu mes d'um povo da provincia, anda erradamente e perdoe o illustre romaneista se n'isto ha of fensa.

Um trabalho serio requer uma analyse seria, um estudo concentrado. Não nos devemos deixar captivar pelo renome que temos conquistado ás vezes tão immerecidamente-quando temos de proceder a trabalhos d'onde está pendente a nossa reputação d'escriptor, onde se affirma o nosso saber, o nosso estudo, o estado do nosso es piritito.

Soo sur. Camillo tivesse andado reflectida mente quando procedeu no criterio, que nada o honra, do trabalho do sur. Seixas, não nos ve riamos agora obrigado a levantar-lhe as faltas

phia da historia, em que considera a historia como ponto de partida para o estudo das reli giões. Quando o snr. Camillo diz—sempre com ironia—que o snr. Seixas entrára na fileira de *Descartes, Bacon, Kant Spinosa*, andou inpen sadamente, não aquilatou nem percebeu qual o fim da *Galeria de sciencias contemporaneas!* O snr. Seixas não diz ter creado um systema, uma philosophia nova: o snr. Seixas syntetisa algu mas sciencias na ordem em que cada uma d'ellas deve ser considerada.

Se o snr. Camillo pensa que ler um livro que requer certa concentração de espirito, certo e de terminado esforço de pensamento, é o mesmo que idear um romance, descrever os costu mes d'um povo da provincia, anda erradamente e perdoe o illustre romancista se n'isto ha of fensa.

Um trabalho serio requer uma analyse seria, um estudo concentrado. Não nos devemos deixar captivar pelo renome que temos conquistado— ás vezes tão immerecidamente—quando temos de proceder a trabalhos d'onde está pendente a nossa reputação d'escriptor, onde se affirma o nosso saber, o nosso estudo, o estado do nosso es piritito.

Se o snr. Camillo tivesse andado reflectida mente quando procedeu ao criterio, que nada o honra, do trabalho do snr. Seixas, não nos ve riamos agora obrigado a levantar-lhe as faltas

que commetteu em tão poucas linhas. Mas se fosse só no que diz respeito á parte philosophica do livro, não mereceria tanto a correcção, mas infelizmente até em ethnographia dá... erro!

Quando sua excellencia diz—corregindo o snr. Seixas:—a nossa separação moral da Hespanha, data desde o principio da monarchia.

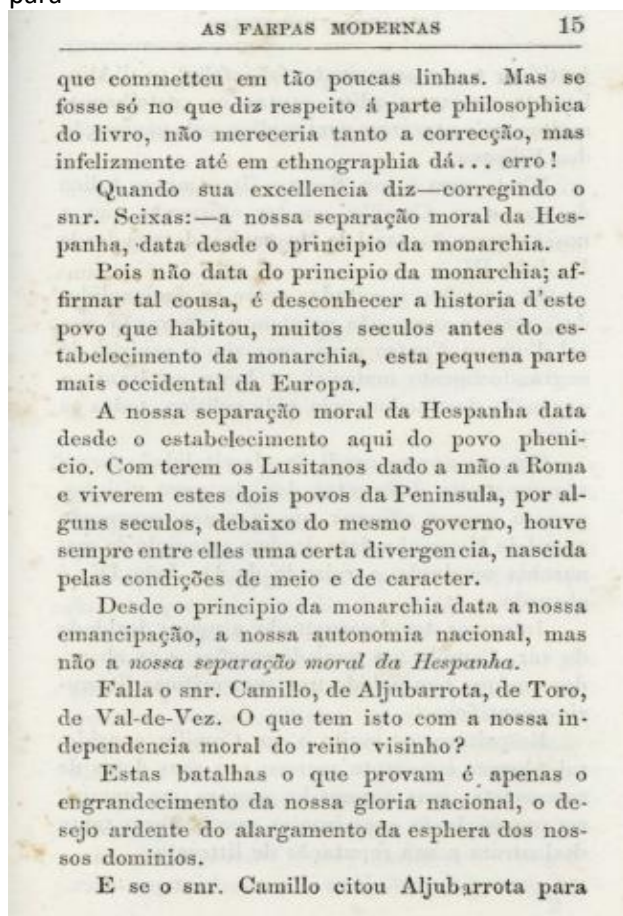
Pois não data do principio da monarchia; af firmar tal cousa, é desconhecer a historia d'este povo que habitou, muitos seculos antes do estabelecimento da monarchia, esta pequena parte mais occidental da Europa.

A nossa separação moral da Hespanha data desde o estabelecimento aqui do povo phenicio. Com terem os Lusitanos dado a mão a Roma e viverem estes dois povos da Peninsula, por alguns seculos, debaixo do mesmo governo, houve sempre entre elles uma certa divergencia, nascida

pelas condições de meio e de character. Desde o principio da monarchia data a nossa emancipação, a nossa autonomia nacional, mas não a nossa separação moral da Hespanha.

Falla o snr. Camillo, de Aljubarrota, de Toro, de Val-de-Vez. O que tem isto com a nossa independencia moral do reino visinho?

Estas batalhas que provam é apenas o engrandecimento da nossa gloria nacional, o de sejo ardente do alargamento da esphera dos nossos dominios. E se o sur. Camillo citou Aljubarrota para



justificar o seu argumento, foi infeliz; se d'Alju barrota nasceram odios contra os castelhanos, muitos mais nasceram contra elles, pela usurpação dos Filippos.

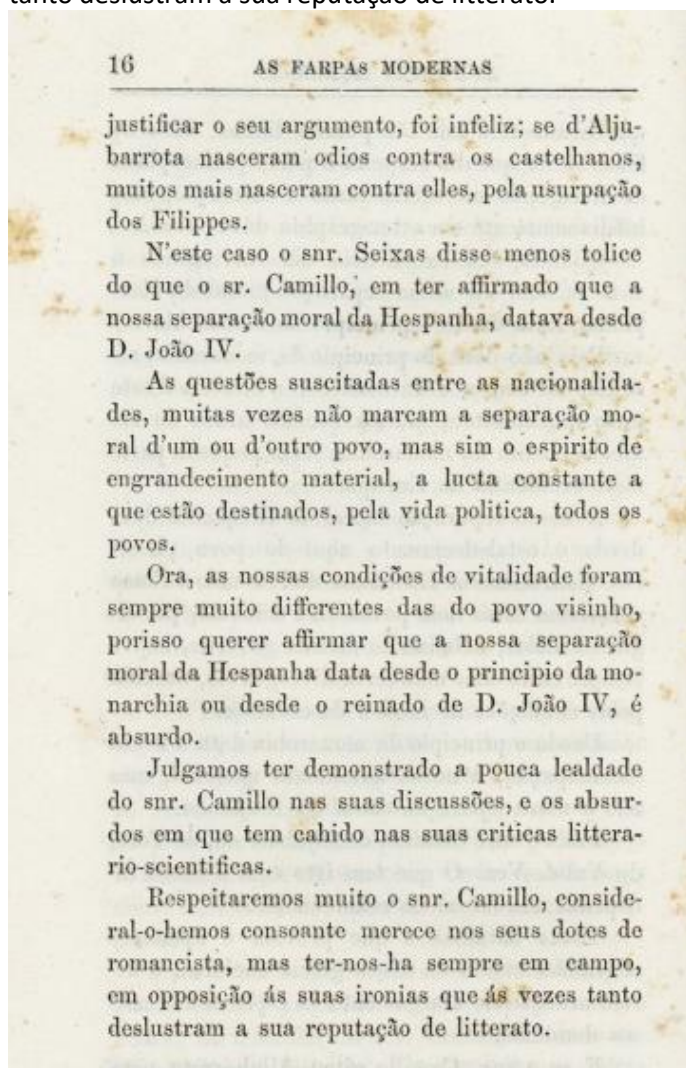
N'este caso o snr. Seixas disse menos tolice do que o sr. Camillo, em ter affirmado que a nossa separação moral da Hespanha, datava desde D. João IV.

As questões suscitadas entre as nacionalidades, muitas vezes não marcam a separação moral d'um ou d'outro povo, mas sim o espirito de engrandecimento material, a lucta constante a que estão destinados, pela vida politica, todos os povos.

Ora, as nossas condições de vitalidade foram sempre muito differentes das do povo visinho, porisso querer affirmar que a nossa separação moral da Hespanha data desde o principio da monarchia ou desde o reinado de D. João IV, é absurdo.

Julgamos ter demonstrado a pouca lealdade do snr. Camillo nas suas discussões, e os absurdos em que tem cahido nas suas criticas litterario-scientificas.

Respeitaremos muito o sr. Camillo, considero-o-hemos consoante merece nos seus dotes de romancista, mas ter-nos-ha sempre em campo, em opposição das suas ironias que ás vezes tanto deslustram a sua reputação de litterato.



Título: As Farpas Modernas

Periodicidade: Mensal

Tema/Assunto: Política, Letras e Costumes

Edição:Nº2

Mês: Abril

Ano: 1880

Local: Porto/PT

Referências diretas a Camillo: 34